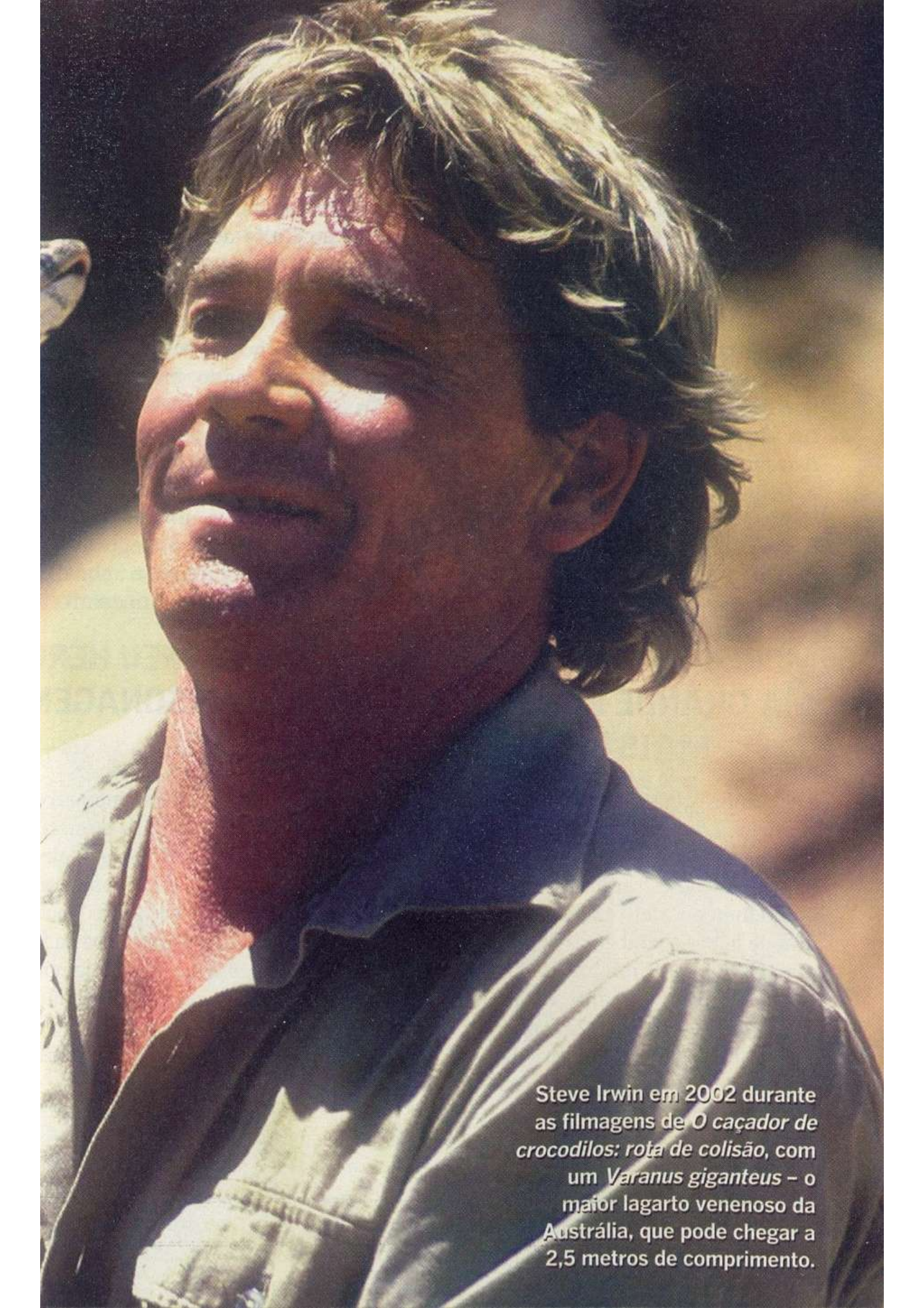


LOUÇO PELA VIDA



Muito já se falou sobre Steve Irwin depois de sua morte, em setembro de 2006. Nesta reportagem, o "Caçador de crocodilos" explica – em suas próprias palavras – por que se arriscou tanto, por que viveu a vida de maneira tão intensa e por que, no fundo, sempre soube que sua sorte um dia acabaria.

Conforme narrado a Kathy Buchanan em uma entrevista inédita para Seleções em 2002.



Steve Irwin em 2002 durante as filmagens de *O caçador de crocodilos: rota de colisão*, com um *Varanus giganteus* – o maior lagarto venenoso da Austrália, que pode chegar a 2,5 metros de comprimento.

EU SEMPRE DISSE que podem tirar minha roupa e me deixar nu na Floresta Amazônica ou nos desertos da Austrália que vou sobreviver muito bem. Podem me largar em qualquer lugar do mundo – vou sobreviver. Isso porque fui criado no meio de animais selvagens, e, para mim, me desvencilhar de um crocodilo de quatro metros ou manusear aranhas que devoram pássaros são coisas muito naturais.

O que parece perigoso para os outros é ‘mamão com açúcar’ para mim. Não conheço outra vida.



os pequenos, você pode mergulhar e prendê-los embaixo d'água, ou pode pegá-los com armadilhas, ou laçá-los. O caso é que eu via meu pai fazer tudo isso e, nessa missão específica, estávamos no Golfo de Carpentaria, no norte da Austrália, para pegar seis crocodilos de água doce.

Eu mexia na água e... bum! Via seus olhos brilhando, mostrava para meu pai e ele ia com o barco para cima deles. Depois eu apontava o holofote para o crocodilo e meu pai pulava do barco, segurava e imobilizava o animal, e o jogava para dentro.

SEMPRE QUIS SER COMO MEU PAI: ELE É MEU HERÓI, UMA GRANDE FIGURA E TAMBÉM O PERSONAGEM MAIS INFLUENTE DA MINHA VIDA

Eu tinha 9 anos quando peguei meu primeiro crocodilo, e essa é uma das melhores lembranças de minha infância. Tudo o que sempre quis foi ser como meu pai – ele é meu herói, uma grande figura e também o personagem mais influente da minha vida.

E o que eu fiz foi imitá-lo em todas as etapas do caminho. Eu costumava observá-lo capturando crocodilos e cobras venenosas, nadando com tubarões e todos os tipos de bichos selvagens. Durante anos eu o vi pegar crocodilos – na verdade, eu o ajudava, segurando o holofote. Existem diversos métodos de se pegar crocodilos:

Seja como for, pegamos cinco crocodilos e depois lá estava o número seis, o último. Eu disse: ‘Lá está ele, papai! Eu o localizei!’ E ele respondeu: ‘Certo, filho. Largue o holofote. Você vai pegá-lo.’ Fiquei em choque. Dá para imaginar como me senti orgulhoso por ele me dar essa oportunidade. Então fiquei de pé na proa do barco: ‘Vou pegá-lo, papai! Vou pegá-lo!’ E ele: ‘Shh... Calma, calma.’

E nos aproximamos cada vez mais. Papai posicionou o holofote por cima de meu ombro, direto sobre o crocodilo, e quando ele ficou ao alcance, meu pai gritou: ‘Agora!’ Eu simples-

mente mergulhei direto em cima dele, segurei o animal pela pele do pescoço – exatamente como vira meu pai fazer umas mil vezes – e agüentei firme.

Mas o que eu não sabia era o quanto eles são fortes debaixo d'água. O bicho se debatia, então me abracei a ele: fui jogado de um lado para o outro em águas profundas e turvas no meio da noite. Eu me lembro de ver clarões do holofote de papai, de estar debaixo d'água, quase sem ar, achando que ia me afogar – mas de maneira nenhuma soltaria aquele crocodilo.

E, quando achava que ia desmaiar por falta de ar, senti o braço de papai por baixo de mim: ele nos puxou a ambos e nos colocou no barco. Foi o primeiro crocodilo que capturei com

as próprias mãos, e venho fazendo isso desde então.

Meu pai estimulou meus instintos. Ele me deixou cometer erros, me observou, e acho que chegou à conclusão de que eu era capaz de fazer coisas com animais selvagens que ninguém mais seria. E, na verdade, o que aconteceu foi que logo eu o superei. Eu sempre o considerei meu mentor, mas o melhor presente que ele me deu foi deixar meus instintos aflorarem, e alimentar essas aptidões.

Na página anterior, foto de Steve jovem. Abaixo, seu pai, Bob, Steve e a filha Bindi, de 8 anos, em sua última caçada a um crocodilo juntos.





Steve e a mulher Terri, em 2000. Como ele, Terri levava uma vida dedicada a salvar e reabilitar animais selvagens.

É assim que os pais devem ser – se seu filho for diferente ou mostrar alguma inclinação por algo que não seja considerado normal, não fique assustado com isso: valorize-o, acompanhe-o. Tente detectar os talentos que seus filhos possuem.

Existem crianças que são fenomenais em matemática, e existem pianistas verdadeiramente talentosos, apesar de jamais terem visto uma partitura musical na vida. E essas crianças não são vistas como normais, mas, *caramba*, elas são talentosas, e o re-

conhecimento disso é muito importante, porque na década de 1970, enquanto eu estava despontando como um rapaz, as pessoas me olhavam e diziam: ‘Nossa, esse cara é meio estranho. Ele passa o tempo todo com cobras e lagartos.’ E vejam aonde eu cheguei! Hoje como, durmo e vivo para a conservação da natureza. É só nisso que eu penso; é só nisso que eu falo. Não existe outro mundo que me interesse. Fui criado para me concentrar nos predadores do topo da cadeia alimentar – os maiores carnívoros da natureza – e é por isso que trabalho a maior parte do tempo com crocodilos, tubarões, répteis, ursos, leões e felinos.

Os crocodilos estão realmente no topo: ninguém brinca com um macho

adulto no auge da forma. Eles são muito inteligentes, espertos, e há também todo o *design* do crocodilo – são animais pré-históricos, que remontam há cerca de 200 milhões de anos. Acho, portanto, que no íntimo ainda sou uma criança brincando com dinossauros. Simplesmente não cresci.

A melhor lição que meu pai me ensinou, no nível mais básico possível, foi tratar os animais do mesmo modo

que queremos ser tratados – você não os machuca, não os mutila e, quando os prende, dá a eles liberdade suficiente para pensarem que podem ir embora quando quiserem. E a coisa mais importante: evite ser mordido nos primeiros 30 segundos. Depois, tudo se acalmará. A não ser quando se lida com crocodilos...

Tudo isso agora é muito natural para mim. Você sabe, se aparecesse

Cara a cara com o "Caçador"

Só existe um homem no mundo que pode dizer que me pareço com um orangotango sem me ofender – e ele é Steve Irwin. Conheci Steve alguns anos atrás, depois de Seleções me escalar para entrevistá-lo. Estávamos sentados juntos em um tronco de árvore, perto de um pântano infestado de mosquitos em Queensland, na Austrália, quando o "Caçador de Crocodilos" de repente se mostrou fascinado com meus cabelos vermelhos.

Ele explicou que filmara um documentário sobre orangotangos recentemente e tinha se apaixonado pelos grandes e dóceis primatas ruivos. Depois, sem pensar, deixou escapar que meu ca-

belo era igual ao dos orangotangos. Antes que pudesse me ofender, ele acrescentou, gentilmente: "Lindos cabelos ruivos."

Agora parece estranho – mesmo para mim – mas posso dizer que foi um dos elogios mais sinceros que já recebi. E daquele momento em diante, como a maior parte do mundo ocidental, fui verdadeiramente cativada por esse conservacionista maluco.

Eu não esperava gostar dele tanto assim. Pessoas famosas costumam ser difíceis – e naquela época Steve era uma das maiores celebridades nos Estados Unidos –, mas ele era diferente. Era encantador, generoso, engraçado e tinha um entusiasmo con-

tagiante pela vida. Sim, ele dizia *caramba* um número exagerado de vezes, e também ria muito.

Quando meu pior temor como jornalista se concretizou (meu gravador parou de funcionar), em vez de ficar chateado, ele riu e disse: "Tranquilo, parceira. Vamos consertar." E consertou!

Mais tarde, quando minhas pernas ficaram cobertas de mosquitos, ele elegantemente tentou me defender da carnificina matando-os um a um.

Essa é uma entrevista de que jamais esquecerei e da qual sempre me lembrarei com carinho – a tarde que passei com um verdadeiro cavalheiro da natureza.

KATHY BUCHANAN

uma cobra feroz aqui agora eu a pegaria sem problema e a seguraria com a mão para lhe mostrar o jeito delicado que meu pai me ensinou. Não usamos equipamentos de aço para imobilizá-la e prendê-la pelo pescoço, nem nada do gênero. Tratamos os animais do mesmo modo que queremos ser tratados.

Seu entusiasmo, o forte sotaque australiano e o grande amor pelo meio ambiente tornaram Steve conhecido no mundo todo.

Mas nem sempre foram só cobras e animais perigosos. Minha mãe também foi uma “reabilitadora” da vida selvagem. Quando pequeno, fui criado com uma dúzia de cangurus em casa, gambás correndo pelo teto e coalas. Sei que parece um programa de TV, mas foi assim que cresci, e acredito que seja o segredo do meu sucesso. Não precisei mudar. Não precisei representar. Tudo o que tive de fazer foi ser eu mesmo.

Não há dúvidas de que sou um viciado em adrenalina. Não uso drogas, álcool ou cigarros – uso adrenalina. Meu corpo anseia por isso. É a mesma



ARRISCAREI MINHA VIDA PARA SALVAR OS ANIMAIS.

FOI PARA ISSO QUE DEUS ME COLOCOU NESTE PLANETA, E TENHO O MAIOR ORGULHO DISSO.

coisa, quer eu esteja na TV, na tela dos cinemas, nos jornais ou em casa – estou fazendo exatamente o que fiz quando era menino e sei que morrerei fazendo o mesmo.

Meus reflexos começarão a diminuir quando eu tiver 50 anos, portanto diminuirei um pouco o ritmo, mas, basicamente (quer a câmera esteja ligada ou não), nada mudará. Não existe pro-

moção, não existe aposta, não procuro jeitos diferentes de me matar. Sou um guerreiro da vida selvagem. É isso que sou, e lutarei pela vida selvagem por toda a minha vida. Se consideram perigoso, arriscado e uma ameaça à existência, realmente não me importo. Arrisco minha vida para salvar os animais. Foi para isso que Deus me colocou neste planeta e tenho um orgulho danado disso.

SEI QUE TERRI teme por minha segurança. Ela, porém, jamais pediu que eu me afastasse. Ela se preocupa a ponto de quase chorar, mas eu sempre me saí

bem. Ela já me viu em ação quando as câmeras não estão por perto e posso fazer coisas que ninguém mais consegue. Ela me chama de “herói da vida real” e diz que sou mais forte do que dez homens e mais rápido do que qualquer outro. Mas soa melhor quando ela diz isso...

É claro que Terri se preocupa muito mesmo, mas sei que sou bom no que faço e que não há nada que ela possa fazer para me impedir – e nem ela quer isso. Tento envolvê-la no que faço, mas muitas vezes é tão perigoso que não deixo que ela chegue nem perto. Quando me tornei pai me dei conta da minha mortalidade; isso foi reiterado em casa, e mais ainda depois que perdi minha mãe. *Caramba*, não quero que minha filha cresça sem pai. Isso seria muito triste. Eu sei que ela ficaria bem, mas seria terrível.

A verdade é que dediquei minha vida à natureza. É disso que gosto. E acontece o mesmo com minha filha. Ela é louca por animais, portanto é provável que esse também seja seu caminho. Ela já está demonstrando aptidão para lidar com a vida selvagem, que quero estimular. Desejo que ela siga seus sonhos e que seja boa no que quer que faça. Acho que, se você for apaixonado e entusiasmado pela vida, sempre será feliz. Gostaria que ela me visse como eu via meu pai: o exemplo perfeito de uma boa pessoa.



CERTAMENTE o mais perto que cheguei da morte foi em um desastre de carro, em 1996. Sofri uma batida de frente. Estava dirigindo em velocidade normal, quando um pneu furou, um outro carro perdeu o controle e bum! Entrou por dentro do meu.

Minha mãe morreu em um desastre de carro, sabe, então, apesar de eu poder ser morto pela vida selvagem, vivo com medo de carros velozes – e de terroristas. De todos os animais soltos por aí, o homem é o mais perigoso, é o que eu mais temo.

Não estou preocupado em ser

aqui e de repente um ruído atrás de mim me faz pegar você pela mão e levá-lo para longe, sem saber por quê. Mas quando chegamos à metade do caminho, descubro que havia um crocodilo de cinco metros prestes a matar um porco selvagem atrás de nós. Eu simplesmente sei que algo vai acontecer antes que aconteça. É uma coisa estranha de se falar, mas é um dom.

Certa vez, eu estava no Quênia observando um bando de leões que descansavam na grama e meu instinto me disse que eu poderia me aproximar deles. Então, caminhei até um bando

NÃO QUERO QUE MINHA FILHA CRESÇA SEM PAI. ISSO SERIA MUITO TRISTE. SEI QUE ELA FICARIA BEM, MAS SERIA TERRÍVEL.

morto por animais. Por exemplo, eu nunca fui picado por uma cobra venenosa – sou mais rápido do que seu bote – e só sofri até hoje mordidas leves de crocodilo. Já deparei com alguns tubarões, mas nunca me morde-ram. Um elefante já tentou me matar e uns hipopótamos também, e acho que foi minha habilidade, mais do que qualquer outra coisa, que me deixou sobreviver. Mas também sou um homem de muita sorte. Grande parte de nossa sorte, porém, depende de nós, e minhas habilidades são algo de que me orgulho muito.

Minha equipe diz que tenho um sexto sentido. Algumas pessoas têm aptidão para ser pianistas ou matemáticas – eu tenho um instinto para a vida selvagem. Posso estar sentado

de leões. Muitas pessoas diriam: ‘Você precisa ficar dentro do veículo. Essas feras vão devorar você!’ Mas eu não estava em perigo. Foi o instinto que me permitiu fazer aquilo.

Mas já tive alguns ferimentos graves. Sofri duas cirurgias importantes no ombro e quatro no joelho, mas foram principalmente por causa do impacto com as pedras. Você sabe, arbentei todos os ossos do ombro pulando em cima de crocodilos para tentar capturá-los com as mãos.

Uma fêmea de crocodilo pequenina – seu nome era *Bowen* – estava sentada numa pedra e, quando pulei sobre ela, o impacto esmagou os ossos do meu ombro, seccionando o músculo; então tive de passar por cirurgias semana sim, semana não. Já não tenho



mais cartilagem em um joelho, tudo por causa de correr, pular e mergulhar dos barcos. Mas tenho ossos fortes. Felizmente, tenho ossos fortes na cabeça também.

No fim do dia, continuo um profissional. Nasci e fui criado para fazer isso. Meu aprendizado durou mais de 20 anos e levo muito a sério o que faço. Sei que sou abençoado por poder fazer o que nasci para fazer. Adoro a vida selvagem, e as câmeras são um ótimo veículo para que eu possa transmitir minha mensagem de preservação ambiental.

Em vez de caçar os animais com armas, nós os caçamos com as câmeras. No entanto, nós os caçamos apenas para observá-los. É isso que eu faço, *cara*.

Steve era tão entusiasmado com a família quanto com o trabalho. Aqui ele, Terri e Bindi comemoram o aniversário de 2 anos de Bob.

Meu pai me disse uma vez: 'Você deve se orgulhar, porque está levando a conservação da natureza a um nível que o mundo jamais viu.'

Do ponto de vista histórico, a conservação do meio ambiente se parece com uma seita religiosa: você assiste às imagens pela televisão e tudo é filmado com uma grande objetiva. Um apresentador com uma voz que parece a de Deus narra, então, como um guepardo abate um gnu.

Agora nós mudamos isso: levamos o telespectador conosco. Enquanto

falo com você estou na televisão e quero que você fique comigo. Meu trabalho é fazer com que o espectador se apaixone pela vida selvagem. Não vou me sentar lá para decretar que você não pode usar botas de couro de crocodilo ou comer crocodilos nos restaurantes. Em vez disso, mostro a beleza desses animais e você não terá mais vontade de fazer isso.

Acredito que o mundo já está começando a ficar mais verde. Hoje podemos encontrar uma criança de 5 anos falando sobre conservação, sobre o efeito estufa, a camada de ozônio, a poluição... Crianças pequenas que

Vestido como seu herói, Karl Andrews, 7 anos, deposita flores pela memória de Steve no Zoológico da Austrália, em Queensland.



Caramba!

POR LAWRENCE DOWNES

Quando ouvi que Steve Irwin, o Caçador de crocodilos, tinha sido morto por uma arraia, meu coração se entristeceu, em parte por causa de um amigo, um menino de 7 anos chamado Sean, que considerava Steve o exemplo perfeito de uma vida bem vivida.

Foi uma vida de esforços, lama e sangue, e da busca incansável por cria-

turas poderosas providas de mandíbulas, garras e da capacidade de devorá-lo inteiro. Meu jovem amigo cria sua versão com giz de cera, peças de Lego e varetas, e a encena na selva empolgante de sua imaginação. Steve saía a procura de criaturas reais: crocodilos, víboras e, tragicamente, a arraia que perfurou seu peito.

Os dois não eram tão di-

ferentes. Steve, com o forte sotaque australiano e as roupas cáqui que, em qualquer idioma, significam "explorador", andava por aí dominando animais perigosos e empregando exclamações como "*caramba!*". Ele tinha 44 anos, mas parecia que ia fazer 7, e viveu, como Sean, num mundo de diversão e aventura muito mais rico do que o da maioria das pessoas.

DO NEW YORK TIMES (6 DE SETEMBRO DE 2006) © 2006 NEW YORK TIMES CO, NOVA YORK

O QUE É MAIS RECOMPENSADOR PARA MIM E TERRI É QUE MILHÕES DE CRIANÇAS ASSISTEM AO CAÇADOR DE CROCODILOS E SABEM TUDO DE COR.

sabem dizer que a baleia é um mamífero. Isso é uma coisa linda.

E o que é mais recompensador para mim e Terri é que milhões de crianças assistem ao *Caçador de crocodilos* e sabem disso de cor. Elas realmente repetem o que eu digo em um documentário, e isso é magnífico. Há uma onda verde concreta acontecendo no mundo hoje e tenho orgulho de fazer parte dela.

O impulso mais forte que tenho é o desejo de educar as pessoas sobre conservação. E me divertir, claro. Sabe, me

divertir na vida. A conservação da natureza não tem de ser chata. É preciso muito trabalho, mas também diversão, empolgação, paixão, entusiasmo e amor pelo mundo.

Todos os dias acordo às quatro da manhã e fico ansioso para fazer o meu trabalho. Fico louco para sair da cama. Fico louco para começar o dia. E isso porque o meu trabalho é mostrar às pessoas a beleza e a emoção da vida selvagem. E sabe de uma coisa? Acho que esse é o trabalho mais importante do mundo.

Era fácil parodiar o estilo agitado de Steve. Também é fácil sacudir a cabeça em reprovação à exploração da natureza pela TV, e lamentar que os únicos animais por que as pessoas se interessem sejam fofinhos peludos ou devoradores de homens. É óbvio que Steve não era biólogo, que explorar o mundo pela TV a cabo é bastante diferente de se arriscar nele de fato, que animais selvagens são mesmo perigosos e toda essa conversa chata...

Mas existem modos piores de se ver o mundo na-

tural do que pelos olhos de uma criança, e Steve oferecia uma versão bem mais moderada da abordagem clássica de um menino, que é enfrentar um animal selvagem, maravilhar-se diante de sua força e ferocidade, e depois tentar atingi-lo com uma pedra. Para Steve, a natureza era algo para se admirar, e ele fez isso com um misto de entusiasmo e amor. Os animais – mesmo os predadores – são bons, e os caçadores são maus. Chame isso de simplista, chame de estúpido, mas isso se propaga.

Os futuros ambientalistas precisam vir de algum lugar e se o deslumbramento do *Caçador de Crocodilos* contagiou a mente de várias crianças – como a de Sean, que, mais de uma vez saiu fantasiado de Steve no Halloween, comemorou seus 6 anos com um bolo de crocodilo, vive usando roupas cáqui e enche cadernos com desenhos de répteis –, então Steve Irwin empregou seus 44 anos extraordinariamente bem.

Lawrence Downes é autor de editoriais do New York Times.